

Juventudes, estéticas e políticas: agenda de pesquisa perante os desafios do século XXI

Youth, aesthetics, and politics: a research agenda for the challenges of the 21st century

Frank Marcon

Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, Sergipe, Brasil

Otávio Raposo

Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal

RESUMO

As culturas juvenis e as suas intervenções estéticas são fenômenos de extrema relevância para a compreensão dos jovens como sujeitos políticos. Incentivados pelos dispositivos digitais, eles promovem trocas econômicas e simbólicas que desafiam o controle estatal e o estatuto de subalternidade que lhes é imposto, principalmente quando se trata de uma juventude desfavorecida e racializada. Perante um século de incertezas, as intervenções estéticas e políticas dos jovens são bastante proficuas para problematizar as profundas mudanças que estamos a viver em relação às sociabilidades, identidades, afetos, consumo, desigualdades sociais, crise climática e pandêmica, resistências e mobilizações artístico-ativistas. Este artigo trata desse conjunto de temas a partir da perspectiva das ciências sociais, em particular da antropologia, e em diálogo com as pesquisas etnográficas dos autores do presente dossiê. Trata-se de um artigo de apresentação que visa apontar tendências e hipóteses sobre as transformações nos modos da fazer juvenis, num período em que a hiperestetização da vida cotidiana e a expansão das tecnologias digitais recolocam a linguagem do político em outros domínios do simbólico, com efeitos no modo como os jovens produzem imaginários, visibilidade e agência. Se a arte e a estética têm gerado novas formas de fazer política, não menos importante são os processos de dominação e controle sobre os meios que viabilizam a produção e a circulação da criatividade juvenil. Destacamos, ainda, as contribuições dos seis artigos aqui reunidos, cujas ricas análises etnográficas problematizam a tríade juventudes, estéticas e políticas sob a ótica das subjetividades e experiências vividas.

Palavras-chave: Cultura juvenil, Intervenções estéticas, Agência, Criatividade, Etnografia.

ABSTRACT

Youth cultures and their aesthetic interventions are important for understanding young people as political subjects. Encouraged by digital devices, they promote economic and symbolic exchanges that challenge state control and subalternity imposed on them, especially when it comes to disadvantaged and racialized youth. In a century of uncertainty, the aesthetic and political interventions of young people are crucial for examining the profound changes we are experiencing regarding sociabilities, identities, affections, consumption, social inequalities, the climate crisis and pandemic, resistance, and artistic-activist mobilizations. This article addresses these themes from the perspective of the social sciences, particularly anthropology, in dialog with the ethnographic research of this dossier's authors. It is introductory article, aiming to highlight trends and hypotheses regarding the transformations in youth ways of doing things, in a period where the hyper-aesthetics of everyday life and the expansion of digital technologies have reintroduced the language of politics back into other symbolic domains, affecting young people's imaginaries, visibility, and agency. While art and aesthetics have generated new ways of doing politics, it is equally important to consider the processes of domination and control over the means that enable the production and circulation of youth creativity. Additionally, we emphasize the contributions of the six articles gathered here, whose rich ethnographic analyses problematize the triad of youth, aesthetics, and politics from the perspective of subjectivities and lived experiences.

Keywords: Youth culture, Aesthetic interventions, Agency, Creativity, Ethnography.

Este dossiê surgiu do amadurecimento das discussões que vínhamos realizando em redes de pesquisa envolvendo países da Iberoamérica e países africanos de língua oficial portuguesa, em torno do tema: “juventudes, estéticas e políticas”, principalmente a partir dos painéis que organizamos nas últimas três edições do Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia (APA) (de 2016 a 2022) e nas últimas edições do Congresso da Associação de Antropólogos Ibero-americanos em Rede (AIBR).

Em especial, para esta chamada, destacamos o enfoque dado ao último painel na APA, ocorrido em setembro de 2022, em Évora, Portugal. A ênfase dos trabalhos foram as sociabilidades, as práticas artísticas e os modos de fazer juvenis a partir de diferentes agências estéticas e políticas, algumas delas ainda pouco estudadas. O cenário de crise econômica, social, política e sanitária foi uma dimensão decisiva nas reflexões suscitadas, preocupadas em descortinar novas realidades geracionais, bem como formas de agir e reagir em um momento histórico sem precedentes.

Perante um período de tantas incertezas, as intervenções estéticas e políticas dos

jovens são “janelas de observação” dessas mudanças profundas, marcadas pela precarização das relações laborais, pela expansão das tecnologias digitais, pela pandemia do covid-19 e pela maior preocupação da juventude com uma série de causas que vão desde as ambientais e antirracistas até as feministas e LGBTQIA+.

As culturas juvenis e suas intervenções estéticas são fenômenos de extrema relevância à compreensão dos jovens como sujeitos políticos, conforme foi estudado, de modo inaugural, nos anos 1970, a partir da publicação da obra *Resistance Through Rituals*, em 1975 (Hall; Jefferson, 2006). Desde então, distintas perspectivas sobre a tríade juventude-estética-política foram produzidas, algumas delas concebidas por meio de concepções teórico-epistemológico e áreas geográficas do sul global, e que contrastam com o modelo dominante europeu e norte-americano. Embora a categoria juventude tenha sido construída a partir de pressupostos ditos ocidentais — em termos políticos, econômicos, culturais e mediáticos (Campos; Nofre, 2021) —, e que foram impostos em todo o globo (por instituições políticas nacionais e transnacionais, pela indústria cultural ou por redes científicas de excelência), um conjunto de problemáticas e saberes, advindos do sul global, passaram a observar também a globalização do fenômeno e o seu caráter processual, revelando novos protagonistas, novas categorias e novas pautas de disputa.

Incentivados pelos avanços das tecnologias digitais e pela globalização das expressões estéticas e culturais, os jovens do presente promovem trocas econômicas e simbólicas que desafiam o controle estatal e o estatuto de subalternidade que lhes são impostos. Nesse contexto, interações on-line e off-line questionam visões dualistas do tipo local-global, conferindo à noção de território uma dimensão transnacional que tende a ultrapassar as fronteiras físicas (Haespert, 2010; Carmo, 2009; Aderaldo; Raposo, 2016).

Embora parte dos jovens continue a ser problematizada no campo do desvio e da marginalidade, principalmente quando se trata de uma juventude desfavorecida, racializada e moradora de bairros estigmatizados; a crescente importância das suas intervenções estéticas lhes tem conferido uma nova visibilidade social e política, capaz de desmontar parcialmente os discursos estereotipados que pesam sobre eles. Dessa forma, essas intervenções são bastante profícuas tanto para ressignificar a noção de juventude e os seus territórios de vivência quanto para problematizar as profundas mudanças que estamos vivendo em relação às sociabilidades, às identidades, às relações intergeracionais, aos afetos, ao consumo, às desigualdades sociais e raciais, às resistências e às mobilizações artístico-ativistas.

PROVOCAÇÕES INICIAIS E ROTEIRO DE LEITURA

Com a finalidade de adensar o debate sobre as transformações nos modos de fazer juvenis, buscamos reunir artigos que apresentassem análises etnográficas que contemplem diferentes realidades regionais e a relação entre juventudes, estéticas e políticas, dialogando com alguns dos desafios deste século: precariedade, migrações, racismo, destruição do Estado social, comportamento digital, pandemia e saúde mental. Os estudos aqui reunidos foram desenvolvidos em cidades como: Fortaleza, Lisboa, Niterói, Porto Alegre e São Paulo; e contribuem para uma compreensão global dos fenômenos citados acima a partir das particularidades locais.

Alguns dos eixos contemplados foram: (a) estudos de caso de diferentes culturas juvenis reveladores das práticas cotidianas dos jovens em termos de sociabilidade, estilos de vida, práticas artísticas e estéticas; (b) análises sobre os sentidos sociais, políticos e culturais mobilizados pelos jovens por meio das suas práticas artísticas, engajamentos políticos e intervenções estéticas; (c) reflexões sobre a dimensão política da arte, bem como da participação dos jovens na esfera política em prol de diversas causas: desigualdades em geral, antirracismo, gênero, sexualidade, mobilidade urbana, saúde mental, trabalho e renda; (d) estudos sobre processos de identificação juvenis e sobre como os bens materiais e simbólicos são mobilizados, significados e disputados por meio de diferentes intervenções estéticas; (e) reflexões sobre cidadania, políticas públicas e de juventudes implicadas pela lógica da criatividade, da produção artística e estética.

Longe de esgotar as possibilidades analíticas do tema mais geral, os artigos aqui selecionados apontam tendências e hipóteses sobre as culturas juvenis, bem como sobre a forma como os jovens conquistam autonomias e empreendem seus processos de constituição no século XXI. O que também já realizamos parcialmente em outros trabalhos, entre os quais a organização dos dossiês *Juventudes e Músicas Digitais Periféricas* (Marcon; Sedano; Raposo, 2018) e *Juventudes, decolonialidades e estéticas insurgentes* (Raposo; Sedano; Lima, 2020), bem como o capítulo de livro *The black beat of Lisbon: Sociabilities, music and resistances* (Raposo; Marcon, 2021), em que trouxemos o enfoque particular sobre a importância da música como forma de intervenção estética mediadora das agências juvenis por cidadania. Além disso, tais reflexões também foram feitas em estudos que desenvolvemos sobre juventudes e a *street art* (Raposo 2023), a dança (Marcon, 2023; Raposo, 2016), a performance (Marcon, 2017; Raposo, 2019) e o ativismo estetizado dos jovens nas ruas e no ciberespaço (Marcon, 2018, 2020; Raposo *et al.*, 2023).

Assim, temos argumentado que os jovens do século XXI têm expressado sua existência social de forma privilegiada por meio da interação mediada por dispositivos digitais e linguagens estéticas: sonoras, corporais e imagéticas. Ou seja, o domínio das novas tecnologias

e das linguagens artístico-comunicacionais tem se tornado um campo de saber de referência para a juventude contemporânea, possibilitando um olhar criativo, crítico e transformador das realidades sociais. Essa realidade, por sua vez, não está desconectada de um fenômeno mais geral — o capitalismo artista — que, como afirmam Lipovetsky e Serroy (2015), contribui para a massificação alienada das intervenções estéticas, o imobilismo apático e o efeito *blasé* (Simmel, 1973).

Embora as transformações no campo das tecnologias digitais tenham aberto novas possibilidades de intercâmbio dos saberes artísticos e políticos, dando um novo fôlego às intervenções estéticas juvenis; antigas desigualdades são atualizadas pela lógica dos processos neoliberais de um capitalismo que *commodifica* a criatividade dos jovens.

As experiências biográficas com a arte trazem questões interessantes sobre como a experiência com o mundo do sensível produz a reflexividade criativa e agenciadora. No primeiro artigo, Glória Diógenes sinaliza para a relevância das análises etnobiográficas das experiências juvenis com a arte para desvendar trajetórias singulares. Analisa o seu encontro com um jovem negro da periferia chamado Eduardo Africano, cujo envolvimento com a arte foi emancipador para sua vida, ao alargar o seu “campo de possibilidades” (Velho, 2004), e abrir-lhe outros mundos possíveis.

Nas ruas, a partir do encontro com o hip-hop e a capoeira, as transformações corporais recriaram novas condições de existência para Eduardo, que se torna o “Eu, Africano”. Do “mortal” no *break dance* e na capoeira aos versos autobiográficos rimados no rap e escritos em livros, instala-se uma poética corporal restauradora e curativa que permitiu a Eduardo entender-se como um “eu racial”, Africano, feito de memória, de tradição e de orgulho pelo seu passado afrodescendente. Em meio a violências, desigualdades e opressões, a arte de Africano é um porto seguro para resistir e ressignificar vidas, uma jornada de autodescoberta que transborda para uma pluralidade de outros “eus mermo”.

Conforme diz Diógenes em seu artigo:

Eduardo se autointitula artista, assume esse lugar junto a outros jovens que estão muito próximos da sua antiga condição do sentir-se excluído, banido, esquecido, e que passam, em uníssono, a convocar a palavra de eu mermo. Ao falar de si, Africano escuta e faz falar outros jovens, ao contar e decantar suas histórias ele cria um mapa móvel de uma multiplicidade de “eus mermos”, pluralizando e singularizando a paisagem das culturas juvenis.

São muitas as camadas de como a arte se torna uma forma de expressão e de transformação da vida, bem capturadas pela sensível análise e pela escrita de Glória Diógenes, que desdobra as bordas da experiência de Africano, falando de muitos outros, por meio do indivíduo. Isso nos faz perceber que as cidades estão repletas de tais possibilidades, que os coletivos juvenis de

cultura urbana podem ser rotas multiplicadoras de cidadania atravessando as vidas de muitos jovens. Em um contexto de ausência de políticas públicas robustas que amplifiquem os processos de cidadania, os jovens utilizam a arte como uma “faísca” para potencializar sua criatividade emancipatória, sobretudo em situações de vulnerabilidade social.

No artigo “Carnaval deCULonial em Lisboa: piranhagem como prática política queer imigrante”, de Gustavo Gustrava, Marina Rainho e Paulo Raposo, as teorias queer e decolonial em conjunto com a autoetnografia são acionadas para a análise de como as inflexões epistemológicas no pensamento ocidental são produzidas a partir de desestabilizações no espaço público feitas por “corpas dissidentes”, maioritariamente queer e imigrante, por meio do ato de “piranhar” no Carnaval lisboeta. Como dizem os autores: “pensemos então na corpa na rua como forma de conhecimento corporificado, como resposta decolonial ativa às epistemologias eurocêntricas que interdita o corpo como espaço de agenciamento político.”

Nesse caso, os autores argumentam que estão interessados em entender as agências políticas de seus interlocutores por meio da expressão pública de corpos dissidentes que ocupam as ruas de Lisboa durante o Carnaval, acionando sexualidades que escapam ao binarismo de gênero. Nesse processo, transbordam o cronotopo da festa para entrar no campo da visibilidade cotidiana por meio da linguagem política da organização coletiva e da presença contínua nas redes sociais com o apoio de um ativismo engajado em pautas queer, antirracista, feminista e defensor de políticas de habitação mais justas. A partir da piranhagem tanto individual quanto em aliança e assembleia (Butler, 2018), expressam-se novas possibilidades de ser e estar na sociedade portuguesa, um exercício de imaginação e disputa política que é interseccional, decolonial e desestabilizador de uma certa ordem moral-institucional. O artigo evidencia como as juventudes do século XXI têm intensificado seus engajamentos políticos por intermédio do debate sobre o gênero e sobre a sexualidade em uma perspectiva mais plural, não binária e, como sugerem, piranha.

Além dos corpos, agências estéticas mediadas por dispositivos digitais têm se tornado ferramentas e linguagens de expressão política apropriadas pelos jovens. Neste dossiê, dois artigos trazem reflexões sobre produções audiovisuais protagonizadas pelos próprios jovens. No artigo “Juventudes e documentário em Visionários da Quebrada: cidade, espaço-tempo, fronteiras”, Livia C. Almendary e Silvia H. S. Borelli partem da perspectiva do envolvimento etnográfico com os sujeitos e a produção do documentário para abordar as características do uso dessa forma de expressão como prática de criação e significação sobre o mundo. A cidade de São Paulo torna-se palco de reivindicação de visibilidades coletivas da periferia, onde o “cinema da quebrada” se torna parte de uma crescente produção fílmica que desafia estereótipos sobre populações historicamente estigmatizadas, produzindo discursos contra-hegemônicos que “borram fronteiras estabelecidas” e que se estendem da produção à distribuição. As autoras

constatam que:

[...] no caso do documentário como linguagem, essa tendência não se reduz à cidade de São Paulo: no Brasil, nos últimos anos, vê-se a expansão desse formato como um meio de expressão e de construção de políticas de visibilidade em distintos suportes e linguagens. Tanto no campo da indústria do cinema, quanto em outros âmbitos — como pequenas produtoras, agências de comunicação comunitária ou grupos e coletivos independentes, principalmente formado por jovens —, vê-se uma paisagem de intersecção entre juventudes, comunicação, audiovisual, ativismos e cultura. Neste cenário, o audiovisual, de forma geral, e o documentário, em particular, ganham relevância como forma de expressão comunitária e de construção de identidades e cidadanias. O crescimento da produção de filmes realizados ou protagonizados por alguns setores juvenis desempenha um papel importante na ampliação da diversidade do cenário cultural e do cinema brasileiro.

Guilherme Aderaldo e Diego Peralta, no artigo “Lugares, desigualdades e (i)mobilidades: reflexões em diálogo com o audiovisual ‘periférico’ paulista”, reforçam a compreensão de que o audiovisual é uma das principais ferramentas utilizadas pelos jovens no presente como forma de interagir e produzir sentidos sobre a cidade, demarcando contrapontos, diferenças e expressões político-cidadãs, a partir de existências periféricas. Além de tratarem de um campo de produção cultural e suas dinâmicas coletivas e colaborativas de produção e circulação, enfatizam o caráter produtor de epistemologias outras, com perspectivas decoloniais, descoladas dos centros hegemônicos da vida econômica, política e de produção de saberes na lógica capitalista. Os fatores formação, aprendizado, multiplicação, politização e profissionalização se cruzam nesses fazeres. Conforme dizem os autores, o encontro:

[...] de nossos/as interlocutores/as com a cena audiovisual envolve, para além do desejo da consagração artística e do reconhecimento profissional, um esforço intelectual e político em torno da busca por encontrar formas alternativas de representação dos sentidos da desigualdade socioespacial urbana e, mais especificamente, do próprio conceito de ‘periferia’.

Ao se tornarem críticos das perspectivas homogeneizantes e binárias das ideias de centro-periferia, esses jovens realizadores provocam fissuras epistemológicas que desafiam visões reificadas e estereotipadas da cidade. A disputa pelo sentido de periferia se apresenta como dispositivo-chave para a compreensão de múltiplas realidades desiguais, visibilidades e agências coletivas diversas, que não se caracterizam pela distância física espacial do centro; mas, sim, pela relação entre configurações hegemônicas e privilegiadas e pelas configurações de experiências de marginalização social, econômica, política e cultural. Os coletivos jovens de produção audiovisual estudados pelos autores têm desempenhado essa tarefa de lançar outra perspectiva de valor sobre as histórias e as experiências das periferias, contracenando com as formas hegemônicas de produzir saberes e poderes sobre a cidade, que advêm de perspectivas

adultocêntricas, segregadoras e institucionalizadas, centradas em concepções de mercado.

A cidade é o espaço de ação de boa parte dos artigos aqui apresentados. Espaço de questionamentos, de disputa, de construções de sentido por meio dos quais são reivindicadas novas formas de existência e de cidadania. O artigo de Joanna Munhoz Sevaio, “A Cidade Baixa é de quem a pratica: apropriações juvenis de um bairro boêmio a partir das ruas”, foi escrito a partir da etnografia elaborada pela autora na capital do Rio Grande do Sul, sobre “o encontro de corpos juvenis com a dança, com bebidas alcoólicas e com o ritmo do funk” em um bairro conhecido por sua intensa vida noturna. O seu interesse reside na apropriação de lugares lúdicos por meio das práticas festivas e do fluxo dos jovens pelas áreas noturnas da Cidade Baixa, buscando analisar o caráter político dessas experiências *rueiras*. As relações de alteridade expressas pelos pesquisados, a emergência de categorias nativas no campo, as práticas de sociabilidade e os consumos de bebidas e de música pelas ruas do bairro à noite, compunham o cenário de múltiplas expressões incômodas na Cidade Baixa. Conforme analisado por Sevaio, a sonoridade ruidosa do funk, o consumo de bebidas alcoólicas pelas ruas e a aglomeração de corpos perifерizados, racializados e juvenis a celebrar a festa entre bares e calçadas criavam sentidos de coletividade e formas específicas de vivenciar a cidade. Essas práticas eram mobilizadoras de sentidos políticos que contestavam aspectos normativos do espaço público, reivindicando o seu uso, enquanto conferiam ao bairro um caráter de memória e pertencimento. O bairro se tornava, assim, lugar de encontro, de identidade e expressividade das diferenças a partir da ocupação da cidade por corpos, muitas vezes, estigmatizados. A disputa pelo espaço de sociabilidade e expressão cultural através das festas na rua era geradora de múltiplos tensionamentos: com os vizinhos, a administração pública e a polícia. Para os jovens na Cidade Baixa, “a festa é um mecanismo de disputa dos sentidos de cidade, a partir do qual tensionam o modelo de planejamento urbano hegemônico” e o controle do espaço público orientado por interesses privados e de moral burguesa.

Conforme demonstra o artigo de Sevaio, a dinâmica das sociabilidades *rueiras* a partir do festivo também sofreu a interferência imprevista causada pela pandemia do covid-19. Essa situação suspendeu as experiências espontâneas do uso lúdico dos lugares, que foram obrigados a se reinventar, seja por meio de novas formas de sociabilidade, mediadas ou não pelas tecnologias móveis, seja por meio de novos nomadismos pelo bairro. Embora evitassem aglomerações, essas novas formas de sociabilidade continuavam a recorrer aos serviços de consumo de bebidas alcólicas e de música, adaptando-se ao contexto pandêmico.

Boa parte dos artigos neste dossiê fazem alguma referência às circunstâncias em que a pandemia do covid-19 afetou o seu campo de estudos, criando a sensação de atravessamento de uma realidade social de múltiplos efeitos sobre as juventudes e uma marca geracional com consequências particulares. Mais do que noutras faixas etárias, os jovens sofreram pela ruptura

das expectativas do curso corrente da vida e de projetos individuais e coletivos imaginados antes e interrompidos, gerando implicações inesperadas sobre as experiências de socialização de toda uma geração no processo de construção de suas experiências juvenis e de transição para a vida adulta.

A análise de Paulo Carrano e Maria Rodrigues Pereira, no artigo “A reflexividade em jovens estudantes universitários sobre o cotidiano na pandemia de covid-19”, traz as reflexões dos jovens do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, sobre suas vivências durante a pandemia. A partir do registro de imagens e narrativas feitas por esses estudantes, os autores trazem a perspectiva sensorial e reflexiva das transformações do cotidiano dos jovens, diante de uma condição inusitada e extrema, marcada principalmente pelo isolamento social e pelas incertezas. Como esses jovens ressignificaram suas experiências diante de tais circunstâncias através da linguagem criativa? Como a reflexividade, enquanto processo de interação criativa e crítica sobre o mundo e a individuação como meio de construção de uma compreensão sobre si, traduz as experiências desses jovens com a pandemia?

Tendo como método de pesquisa a análise de fotografias e textos descritivo-narrativos feitos pelos jovens, foram recolhidos 51 ensaios, os quais foram divididos em quatro temas: “(1) Cuidado de si e com o outro; (2) Casa: trabalho, estudo e lazer; (3) Reflexões pandêmicas; e (4) Emoções e afetos”. A proposta dos autores foi fazer uma tradução interpretativa desses registros para debater a reflexividade dos jovens e o seu processo de individuação a partir do confronto com a experiência pandêmica. Os exemplos trazidos para análise no artigo são reveladores da profusão de sensações desencadeadas pelas experiências de isolamento social e a vivência em espaços fechados (em casa e nas telas), e que aludem à importância de antigas experiências estéticas e de sociabilidade no espaço público, entretanto interditas, bem como aos sentimentos de tristeza, medo e angústia provocados pela desconexão com um mundo que passou a operar segundo lógicas e tempos diferentes. A produção de imagens sobre os valores de um tempo mais lento e uma experiência mais minimalista do vivido também fora reveladora da esperança e do autoconhecimento que os jovens buscavam, apesar dos retrocessos no campo da autonomia e dos sonhos adiados. Assim, a apresentação do *corpus* e das análises das imagens e dos textos traduzem esteticamente diferentes experiências individuais, que também representam coletivamente os processos de reflexividade e individuação vivenciados pelos jovens de uma mesma geração.

Tais formas de elaborações imagéticas e textuais foram uma forma de ocupação, um alento, um aprendizado, uma forma de enfrentamento, de resistência, de redescoberta, abrindo a possibilidade de reflexão, de compreensão e de construção de narrativas sobre si, sobre os outros e sobre os significados do tempo e dos lugares. Assim como a arte de Eduardo

Africano, as expressões corporificadas deCuloniais no carnaval, o uso do audiovisual enquanto experimento epistemológico e a ocupação e sociabilidade festiva das ruas da Cidade Baixa, também a representação fotográfica e textual do cotidiano, produzida por jovens com a intenção de entender a si mesmos e o mundo à sua volta, nos coloca diante do desafio de compreender os processos de orientação existencial construídos por elas, eles e elus.

JUVENTUDES E AGÊNCIAS ESTÉTICAS

Diferentes estudos apresentados nas últimas décadas apresentam diagnósticos de que as desigualdades geracionais têm aumentado, demonstrando níveis de maior precarização econômica e social e de acesso à bens e serviços entre os jovens, submetidos ao desemprego e ao subemprego, bem como a situações de risco social. Como já afirmou Martin-Barbero (2008), os jovens do século XXI vivem uma condição paradoxal: pois embora tenham cada vez mais dificuldades de empoderamento material, estão mais empoderados simbolicamente do que as gerações anteriores. Isso se deve ao maior acesso ao conhecimento, à informação, à educação e à comunicação; antes inacessíveis a uma maioria, facilitado pela ampliação do acesso aos dispositivos digitais e aos serviços educacionais e culturais. Esse paradoxo tem transformado os meios digitais e as linguagens estéticas em um poderoso recurso de intervenção e disputa nas mãos dos jovens. No entanto, as desigualdades intergeracionais e intrageracionais também se intensificam em termos de qualidade nesses acessos às tecnologias, pelo controle das grandes empresas de internet e pelo controle mercadológico dos processos criativos como mercadoria alienada de valor político. Ou seja, há uma disputa desigual também no campo do empoderamento simbólico, que estabelece barreiras na qualidade e no alcance do que se acessa e do que se produz.

Por outro lado, o discurso do empoderamento tem sido apresentado pelas entidades públicas e privadas como uma panaceia para uma vasta gama de problemas, considerando-o como fundamental para a plena inserção dos jovens na sociedade em termos econômico-sociais e de cidadania. Com base nessa orientação teórica e ideológica, caberia aos jovens a responsabilidade de se empoderarem para superar o diferencial de poder associado à sua condição etária (Bourdieu, 2008), bem como para contrariar as adversidades dessa fase da vida, principalmente quando se é pobre, racializado e morador de um bairro periférico. A ocultação das contradições que geram as desigualdades (de classe, raça, etnia, gênero, sexualidade e território) que afetam os jovens é um dos problemas dessa perspectiva, cujos princípios individualistas e meritocráticos transferem exclusivamente para os “ombros” dos jovens a responsabilidade

pelas dificuldades de ingresso na vida adulta (Raposo, 2022).

Sem querer menosprezar a importância de um maior agenciamento do simbólico pela atual geração — socializada pelo digital e com melhores condições de contrariar processos de estigmatização e marginalização social por meio de intervenções estéticas e artísticas —, importa não esquecer a crescente desigualdade e violência em que os jovens estão imersos e que é vivida de forma interseccional e plural.

Não por acaso, a visibilidade de questões relacionadas à raça, classe, gênero, sexualidade e território está presente em boa parte dos artigos apresentados neste dossiê, ratificando a compreensão de que não podemos mais falar de juventude no singular, mesmo que reconheçamos alguma universalidade na forma de representação dos sujeitos jovens como marcados pela definição etária dos documentos e por uma “posição” geracional comum na forma como experimentam o mundo (Canclini; Cruces, Pozo, 2012). São essas juventudes diversas, plurais e criativas, intérpretes de um presente e do porvir que têm buscado traduzir o mundo através de seus próprios repertórios, bem como produzir suas próprias utopias, soluções de participação e construção de si como sujeitos, mesmo diante de situações, para a maioria, adversas.

Se como dizem, neste dossiê, Almendary e Borelli: para os jovens da periferia de São Paulo fazer cinema é também “fazer cidade”; nos termos de Michel Agier (2011), acrescentamos que estamos diante também de um fazer juventudes em uma perspectiva emancipatória da construção sobre si, de si e para si. Nesse caso, intervenções estéticas mobilizadoras de agência política são criadas no processo de pensar, produzir e veicular os filmes. O que serve também para outras formas de intervenções estéticas, como: o fazer música, o fazer literário, o fazer fotográfico, o fazer performático, o fazer festa. Esses fazeres são geradores de interação política com a sociedade, bem como um modo de idealização de mundos e de pertencas coletivas, além de um modo de construção de si como processo de individuação reflexiva enquanto sujeito.

O aprendizado do sensível, a ação criativa, a sociabilidade e o compartilhamento estão presentes nesses fazeres políticos juvenis em ambientes públicos mediados por linguagens da arte, conforme bem demonstram os artigos deste dossiê. Nesse campo de ação política ligado à estética, se apresentam as disputas por projetos de vida e de sociedade, pela sobrevivência física e simbólica, pela visibilidade, pela dignidade e pela identidade individual e coletiva; mas também se revelam os dilemas, as dúvidas, as agruras e as dificuldades de ser jovem nos dias de hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os artigos aqui reunidos capturam uma pequena fração das questões inicialmente levantadas sobre os temas das “juventudes, estéticas e políticas”, evidenciando que ainda há muitos desafios nesse campo de estudos. Compreendermos como o fenômeno de hiperestetização da vida cotidiana nos atinge, recolocando a linguagem do político em outros domínios do simbólico, talvez seja um dos principais desafios que temos pela frente. Se o campo das artes, da estética e da criatividade tem sido um lugar de visibilidade e exercício de poder para uma multiplicidade de agentes juvenis, alguns deles racializados, periféricos e integrantes de classes sociais desfavorecidas, importa perceber os processos de domínio e controle que estão sendo gerados sobre os meios que viabilizam a produção e a circulação da criatividade. Em que medida essa produção simbólica é influenciada pelas estratégias de massificação e busca de lucro da indústria cultural capitalista, com todas as suas características perversas enquanto mercado e expropriação? Quais as dimensões emancipatórias e autonomistas geradas por essas agências estéticas, particularmente para juventudes?

O fato é que diferentes movimentos sociais têm atuado politicamente a partir de linguagens estéticas e artísticas. Os jovens têm encontrado soluções para suas vidas tanto individualmente quanto coletivamente, através da arte, entendendo-a como forma de bem-estar social, socialização, identidade, subsistência e geração de renda, além de uma forma de resistência e engajamento político. Isso contrasta com a versão vertical do exercício do poder, a versão aprisionadora de certezas morais e a versão materialista, dura e crua da vida. Nesse sentido, consideramos que a arte e a estética têm gerado novas formas de “fazer política”, ressignificar a realidade ou, simplesmente, viver a vida, em contraponto às imposições da precarização da vida dos jovens.

Uma última observação, não menos importante, é que todos os artigos deste dossiê apresentam análises etnográficas, cada qual partindo de diferentes modos de pensar a etnografia, utilizando-se de recursos como a etnobiografia, a etnografia visual, a etnografia *flâneur* ou a etnografia de ação participante. Em todos os casos, as análises se colocam na posição de pesquisar e produzir com seus interlocutores, bem como de serem afetadas pela pesquisa. Nesse contexto, as subjetividades e os afetos estão em primeiro plano. É a riqueza de abordagens etnográficas densas e sensíveis como a que apresentamos neste dossiê que tornam as subjetividades especiais para a compreensão de fenômenos múltiplos, e que fazem do simbólico sua matéria-prima.

REFERÊNCIAS

1. ADERALDO, Guilherme; RAPOSO, Otávio. Deslocando fronteiras: notas sobre intervenções estéticas, economia cultural e mobilidade juvenil em áreas periféricas de São Paulo e Lisboa. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 22, n. 45, p. 279-305, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832016000100011>. Acesso em: 11 jun. 2024.
2. AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**. Lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
3. BOURDIEU, Pierre. **Cuestiones de Sociología**. Madrid: Istmo, 2008. [1984].
4. BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: Notas sobre uma teoria performativa de assembleia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
5. CAMPOS, Ricardo; NOFRE, Jordi (ed.). **Exploring Ibero-American Youth Cultures in the 21st Century: creativity, resistance and transgression in the city**. Berlim: Palgrave Macmillan, 2021.
6. CANCLINI, Néstor Garcia; CRUCES, Francisco; POZO, Maritza (ed.). **Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales**. Barcelona: Ariel, 2012.
7. CARMO, Renato Miguel do. Do espaço abstrato ao espaço composto: refletindo sobre as tensões entre mobilidade e espacialidade. In: CARMO, Renato Miguel do; SIMÕES, José Alberto (ed.). **A produção das mobilidades: redes, espacialidades e trajetos**. Lisboa: ICS, 2009. p. 41-55.
8. HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
9. HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony. **Resistance Through Rituals: Youth Subcultures in Post-War Britain**. 2. ed. Londres: Routledge, 2006.
10. LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
11. MARCON, Frank. Agências estetizadas: Juventudes, mobilizações e ativismos em Angola. **Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política**, Uberlândia, v. 9, n. 2, p. 191-208, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/RCS-v9n2-2019-56679>. Acesso em: 28 jun. 2024.
12. MARCON, Frank. Agências estetizadas, geração digital, ativismos e protestos no Brasil. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 23, p. 1-20, 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/4539>. Acesso em: 24 jun. 2024.
13. MARCON, Frank. Kuduro, Digital Music and Lifestyle in Diaspora. **Matatu**, [S. l.],

- v. 53, n. 1-2, p. 28-44, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/18757421-bja00002>. Acesso em: 24 jun. 2024.
14. MARCON, Frank; SANTOS, Ely Daisy de Jesus. Música de festa, expressões e sentidos do kuduro na cidade de Salvador. **Ultima Década**, Santiago, v. 25, n. 47, p. 222-242, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22362017000200222>. Acesso em: 24 jun. 2024.
 15. MARCON, Frank, SEDANO, Livia; RAPOSO, Otávio. Introdução ao Dossiê Juventudes e Músicas Digitais Periféricas. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Uberlândia, v. 7, n. 1, p. 5-14, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.1354>. Acesso em: 11 jun. 2024.
 16. MARTIN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: Educ, 2008. p. 9-32.
 17. RAPOSO, Otávio. Cartografia da dança. Segregação e estilos de vida nas margens da cidade. **Revista Mana**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 765-797, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442016v22n3p765>. Acesso em: 11 jun. 2024.
 18. RAPOSO, Otávio. Performance no Planeta Break, **GIS – Gesto, Imagem e Som. Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 321-324, 2019. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2019.162333>. Acesso em: 11 jun. 2024.
 19. RAPOSO, Otávio. The Art of Governing Youth: Empowerment, Protagonism, and Citizen Participation. **Social Inclusion**, Lisboa, v. 10, n. 2, p. 95-105, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.17645/si.v10i2.5080>. Acesso em: 11 jun. 2024.
 20. RAPOSO, Otávio. Street Art Commodification and (An)aesthetic Policies on the Outskirts of Lisbon. **Journal of Contemporary Ethnography**, Thousand Oaks, v. 52, n. 2, p. 163-191, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/08912416221079863>. Acesso em: 11 jun. 2024.
 21. RAPOSO, Otávio; MARCON, Frank. The Black Beat of Lisbon: Sociabilities, Music and Resistances. In: CAMPOS, Ricardo; NOFRE, Jordi (ed.) **Exploring Ibero-American Youth Cultures in the 21st Century: creativity, resistance and transgression in the city**. Berlim: Palgrave Macmillan, 2021.
 22. RAPOSO, Otávio; SEDANO, Livia; LIMA, Redy. Introdução ao Dossiê: Juventudes, Decolonialidades e Estéticas Insurgentes. **Revista TOMO**, São Cristovão, n. 37, p. 9-16, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21669/tomo.vi37.14034>. Acesso em: jun. 2024.
 23. RAPOSO, Otávio; SILVA, Gleicy; REGINESI, Caterine; RAPOSO, Paulo. Estéticas Insurgentes e Artivistas: reflexões sobre cidades em disputa. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 31, v. 1, p. 1-10, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.15239>. Acesso em: jun. 2024.

24. SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. *In*: VELHO, Gilberto (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973. p. 11-25.
25. VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. [1981].

Frank Marcon

Professor Titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe. Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPQ - PQ2. Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2195-6701>. E-mail: frankniltonmarcon@gmail.com. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Pesquisa empírica, Análise de dados, Redação e Revisão.

Otávio Raposo

Investigador Integrado e Professor Convidado no Instituto Universitário de Lisboa. Doutor em Antropologia pelo Instituto Universitário de Lisboa. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8000-6901>. E-mail: otavioraposo78@gmail.com. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Pesquisa empírica, Análise de dados, Redação e Revisão.